

Arte, ciência, tecnologia: experimentação

**Marta M.
KANASHIRO**

A revista portuguesa Nada tem se dedicado, desde 2003, a publicar artigos sobre arte, ciência e tecnologia. A reunião desses temas não é nova, mas a proposta dessa publicação diferencia-se de muitas que circulam no mercado editorial, pois almeja ser um espaço de experimentação “indisciplinar”, num movimento que atravessa estética e ciência e é composto pelos mais diferentes encontros. A idéia central de João Urbano (2003), coordenador e editor da revista, é dar visibilidade àquilo que oscila entre produção artística e teórica híbrida, “uma mescla – diz ele - de saberes que produzam acima de tudo acontecimentos”. É uma ruptura, portanto, com concepções que trabalham muito diretamente com categorias já existentes, na tentativa de alcançar ou disparar o novo.

Em mais de um editorial (contra os quais o autor sempre reluta ou recusa de alguma forma, a exemplo de seus títulos), Urbano cita a “porética” que o inspira. De Silva Carvalho (1996), a idéia de escrita porética ou porista “é aquela que abre passagem, que abre caminho na aporia, isto é, no lugar sem caminho, na fronteira (frontier), na Wilderness. (...) a escrita porética transforma o impossível em possibilidade de existência, quer isto dizer, e mais uma vez, que a estética porética (...) procura resolver problemas, achar soluções (sempre precárias e provisórias)” (CARVALHO, 1996). Para ele, isso

significa assumir a contradição e viver a tensão, significa tratar do não linear, do inesperado, dos desvios, do acidental, do divergente, do desconexo.

É por esse viés que os temas da publicação, que hoje é distribuída na Espanha e no Brasil, além de Portugal, abarcam de forma irreverente, não disciplinada e instigante, as artes plásticas, a filosofia, a arquitetura, literatura, música, bioarte, infoarte, artes performativas, o design, e também, a inteligência artificial, as biotecnologias, a biologia, neurociências, robótica e toda a sorte de áreas tecnocientíficas, as quais, para Urbano, dão forma a “um novo paradigma aberto ou devir bioinformático, que vem tendo implicações fortíssimas no nosso modo de vida” (Urbano, 2003, p. 6).

O número 11 da *Nada*, de agosto desse ano, foi o primeiro a ser concebido fora de Portugal, sob coordenação de Pedro Peixoto Ferreira e Emerson Freire, membros do grupo CTeme (Conhecimento, Tecnologia e Mercado), da Unicamp. A novidade, no entanto, não afasta de forma alguma a proposta inicial da revista, pelo contrário, parece retomá-la e reforçá-la por meio das ressonâncias entre a equipe de João Urbano e o grupo de pesquisa CTeme. Nessa edição, antropólogos, arquitetos, designers, artistas, sociólogos e filósofos estão reunidos em torno do vínculo entre afecção, sensação e percepção.

Este elo, como explicam Ferreira e Freire em seu editorial, não apenas é tema de alguns textos, mas também, o próprio método de trabalho de alguns autores e o efeito intencionado sobre os leitores. Nas palavras de Ferreira (2008): “Trata-se, grosso modo, de um esforço para pensar o impensado do próprio pensamento, i.e., aquilo que não pode ser pensado, mas que se apresenta como a condição de possibilidade de todo e qualquer pensamento. Como alternativa ao pensamento que se limita à recombinação do já pensado (das representações e modelos já construídos), propõe-se um pensamento que se dá sobre, como e no impensado, concebido como afecção, sensação ou percepção”.

Sob o título “Informação e Sensação”, o primeiro texto dessa edição traz à tona as idéias do filósofo francês Gilbert Simondon (1924-1989). O autor Emerson Freire, cientista da computação e sociólogo, resgata de forma minuciosa o percurso trilhado

pelo filósofo para chegar aos conceitos de informação, sensação e percepção. Freire retoma outros autores, como Lev Manovich (professor de artes visuais da Universidade da Califórnia - EUA), para sinalizar o desafio de se levar sempre em conta esse tripé (informação-sensação-percepção), o qual se relaciona com a invenção e, portanto, é o campo problemático com o qual os mais diversos domínios, e também a arte, deverão lidar. É com Simondon que a edição sinaliza o problema e uma espécie de rumo possível, na medida em que também é dele o último texto dessa publicação.

O antropólogo da Universidade de Concórdia (Canadá), David Howes, vem logo a seguir para explorar de forma mais direta o eixo afecção, sensação percepção proposto pelos editores. Ele reflete sobre a idéia de sinestesia, ou o cruzamento de diferentes sensações, comumente relacionadas isoladamente aos cinco sentidos do corpo. Em "A mente multidirecional", Howes defende que os sentidos não podem ser estudados adequadamente quando isolados. Criticando o estudo das sensações pela via cognitivista da antropologia, o autor argumenta a interação ou a conjugação dos sentidos, que ele nomeia "modulação da percepção". O autor apresenta o caso dos Desana, um grupo indígena Tukano da Amazônia colombiana, para abordar a interconexão dos fenômenos sensoriais e desvelar a necessidade de um diálogo entre neurocientistas cognitivos e antropólogos para uma compreensão mais ampla.

"A identidade na era de sua reprodutibilidade" é a entrevista feita com o antropólogo do Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e co-coordenador da Rede Abaeté de Antropologia Simétrica, Eduardo Viveiros de Castro. Nesse texto, que traz fotografias feitas pelo próprio entrevistado, a abordagem recai, em especial, sobre a relação entre fotografia, antropologia e a experiência de pesquisa de campo de Viveiros de Castro. No conjunto de suas respostas, o antropólogo reúne diferentes problemas apontando para a complexidade com a qual nos defrontamos hoje. Dentre eles, esta a incorporação da imagem, do conhecimento e do signo como mercadoria: "(...) o fluxo do capital – argumenta ele – passa a investir a imagem de uma maneira e com uma violência e eficiência inauditas, não há dúvida de que a tecnologia de imagem passa a ser estratégica do ponto de vista político-econômico dos povos indígenas. Não são mais as terras indígenas que são cobiçadas,

mas também o simulacro fantasmático dessas terras: as imagens que elas projetam, o conhecimento suposto que representam – o imaterial, o incorporal. Na medida em que o incorporal começa a ser maciçamente capitalizado, as tecnologias de produção de imagem se tornam tecnologias cruciais para os índios dominarem (...)” (VIVEIROS DE CASTRO, 2008).

A etnomusicóloga da Universidade Federal de Minas Gerais, Rosângela Pereira de Tugny, apresenta por sua vez, relatos e reflexões acerca de sua experiência etnográfica de registro de cantos dos índios Maxakali, presentes no nordeste de Minas Gerais. Tugny afirma, em “Um fio para ìnomõxã: em torno de uma estética maxakali”, que sua compreensão do trabalho musical passa não pela invenção de formas, mas pela captação de forças ou pela sonorização de forças que não sonoras a princípio. Como apontado por Ferreira (2008b), trata-se de uma certa estética relacional e trans-humana das aberturas e dos devires entre os Maxakali. Vale ainda destacar que, de certa forma, o texto de Tugny e Howes encontram-se quando a etnomusicóloga afirma que é parte desta captação de forças tornar mais densas as sensações de espaço e tempo, e as operações do olhar e da escuta, que se complementam e integram-se.

Após o desafio deixado pelos conceitos de Simondon, no texto de abertura de Freire, e das abordagens de Howes, Viveiros de Castro e Tugny, com um caráter mais teórico antropológico e com experiências mais ligadas ao conhecimento tradicional indígena, o texto “Etnografia, cinematografia e cidade”, do arquiteto e urbanista Paulo Tavares, traz um universo um tanto diverso, mais urbano, e que predomina também nos dois textos seguintes da revista.

Tavares elabora um percurso teórico no qual retoma importantes autores da antropologia, como Clifford, Malinowski, Margaret Mead, Bateson, e o pensamento perspectivista, dentre outros, para situar e problematizar algumas especificidades da experiência etnográfica, da obtenção de imagens na pesquisa de campo e dos filmes etnográficos. É a partir de Walter Benjamin, que o autor nos mostra uma ponte fundamental da etnografia às máquinas e que emergem questões relativas ao mundo industrial, a produção, o mercado e a experiência urbana e do sujeito contemporâneo. É nesse trajeto que Tavares aponta as mudanças na experiência e na

percepção.

O sensível ensaio fotográfico “Lazar”, por sua vez, do designer e pesquisador Christian Pierre Kasper, focaliza uma habitação de rua e seu morador e construtor (que dá nome ao ensaio) na cidade de São Paulo, para trazer a tona um deslocamento interessante com relação às abundantes teorias que visualizam a situação de rua como ausência e falta, e colocar em primeiro plano a construção, criação, a subjetividade e percepção nesse espaço.

Se os dois textos anteriores proporcionavam a entrada num novo território, o do urbano, o texto seguinte nos traz o movimento e imprime uma outra cadência aos textos. Deste momento em diante os textos da revista parecem assumir, um após o outro, uma velocidade cada vez maior até chegar a uma certa vertigem produtiva do novo. Do “Fluxo ao lugar” é a tradução de um capítulo da tese “Go with the Flow. Architecture, Infrastructure, and the Everyday. Experience of Mobility” (2006), de Gilles Delalex – arquiteto da École Nationale des Ponts et Chaussées (França). O arquiteto viajou durante três meses, de carro, pelas estradas européias para realizar sua pesquisa que além da tese também produziu mais de 40 mil fotografias. Nesse texto, Delalex parte dessa experiência, da estética nas estradas, das redes envolvidas no movimento das pessoas, para propor uma leitura menos reducionista da influência dos fluxos globais nos lugares.

O texto seguinte, também uma tradução, abre uma problemática mais voltada para a tecnologia, a qual perdura em todos os cinco últimos textos da revista. “Forma, difração e colapso”, traz trechos da entrevista “How like a Leaf” (2000), feita por Thyrza N. Goodeve com a bióloga Donna Haraway. Atualmente, professora da Universidade da Califórnia (Santa Cruz), Haraway publicou inúmeros livros nos quais tematiza transformações sociais e políticas conectadas às mudanças na ciência e na tecnologia, sendo “Manifesto para Ciborgues: Ciência, Tecnologia e Feminismo Socialista no Final do Século XX” (1985) sua obra mais difundida. Em sua conversa com Goodeve, Haraway aborda sua relação com a biologia e a filosofia, expondo seu próprio pensamento, sua ironia, que transita entre fenômenos biológicos e histórias cosmológicas.

Os textos e imagens de “Corpos d’água” e “Fluid Geographies:

explorando o terreno entre arte visual e mapeamento” são os trabalhos da artista Eve André Laramée, que conectam ciência e poder. Laramée tem explorado há mais de 20 anos, as relações entre arte, ciência, natureza, ficção e política em diversas obras e em suas passagens por varias universidades renomadas, nos Estados Unidos. As instalações de “Fluid Geographis” exploram o desenvolvimento de armas atômicas no norte do México, por meio da construção de mapas. Ao mesmo tempo em que esse trabalho constrói e explora uma cartografia, para trazer à tona relações de poder, camadas de estórias, camadas de informações e redes, também se estabelece entre a arte e o mapeamento, apontando colapsos de dualismos (como arte/ciência, natureza/cultura, fato/ficção), assim como escolhas e critérios de geógrafos, cartógrafos e políticos na elaboração de mapas para reafirmar a idéia de algo construído e negociado.

Em “Sobre o futuro do humano”, o sociólogo Laymert Garcia dos Santos promove o encontro entre uma série de autores, tais como C. S. Lewis, Günther Anders, Konstantino Karachalios, Vernor Vinge, Ray Kurzweil, Hermínio Martins, Peter Sloterdijk, Bárbara Stiegler e Michel Foucault para refletir sobre e problematizar o futuro do humano. O autor sinaliza a importância da politização da biologia, da tecnologia e da tecnociência, numa época em que a política tornou-se vital. Um período em que vige a aceleração da aceleração tecnológica, coloca nas mãos da atual geração escolhas éticas e opções tecnológicas decisivas sobre esse futuro.

A cientista social Cecília Diaz-Isenrath, por sua vez, analisa em “In_ formação” a vídeo-instalação “Deep play” de Haroun Farocki, e trata de uma questão crucial para a politização da tecnologia, a saber, o controle dos fluxos, imagens e informações, e os dispositivos concretos que operam esses sistemas. “More than meets the eye: os transformers e a vida secreta das máquinas” segue uma trilha semelhante ao partir da operação de transformação de um brinquedo (os robôs transformers em duas versões, de 1984 e 2007) para captar, dentre outros elementos, a nossa postura diante das máquinas. Mas Ferreira (2008) vai além de observar que passamos de operadores ativos a operadores passivos ou espectadores das máquinas, para também refletir sobre o deslocamento da transformação para as formas e sobre

as diferenças entre mecânico e maquínico.

O último texto da revista é “Cultura e técnica”, uma tradução da introdução do livro “Du mode d’existence des objets techniques”, do filósofo Gilbert Simondon, autor resgatado pelo primeiro artigo da revista. Nessa introdução, Simondon propõe uma modificação do olhar sobre a tecnologia, por meio de um afastamento seja da tecnofilia ou da tecnofobia. O ciclo percorrido pelos artigos, que partem e retornam a Simondon, parece sinalizar o quão fundamental é o pensamento desse filósofo, que influenciou Deleuze e Guattari presentes em grande parte das reflexões da revista. O conjunto de textos dessa edição culmina assim nessa espécie de rumo possível que este filósofo e seu pensamento podem proporcionar, mas num trajeto que vai dos grupos indígenas as transformações ligadas a tecnologia, e que pode sinaliza direções (sempre provisórias) para novas passagens que não podem deixar de assumir as contradições que nos constituem e rodeiam.

Referencias

CARVALHO, S. O poreticismo. In: Silva Carvalho (org). *A Linguagem Portica*. Brasília Editora: Porto, 1996. disponível em: <<http://www.silvacarvalho.com/recensoes.htm#PORETICISMO>> Última consulta: 03 setembro de 2008.

FERREIRA, P. P. e FREIRE, E. Editorial impossível. In: João Urbano (org), *Revista Nada*, Lisboa: Urbanidade Real, n. 11, 2008a, p. 5.

FERREIRA, P. P. Release para lançamento da revista Nada no Brasil, agosto, 2008b, p 1-7 (arquivo pessoal).

URBANO, J. Editorial em forma de outra coisa. In: João Urbano

(org), *Revista Nada*, Lisboa: Urbanidade Real, n. 1 2003, p. 5-9.

URBANO, J. Editorial. In: João Urbano (org), *Revista Nada*, Lisboa: Urbanidade Real, n. 2, 2004, p. 5-11.

VIVEIROS DE CASTRO, E.; FERREIRA, P. P. [et al]. A identidade na era de sua reprodutibilidade técnica. Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro. In: João Urbano (org), *Revista Nada*. Lisboa: Urbanidade Real, n. 11 2008, p. 34-51.

Marta M. Kanashiro

socióloga e jornalista. Atua como pesquisadora no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e no Grupo de Pesquisa Conhecimento, Tecnologia e Mercado (CTeMe), ambos da Unicamp